

FILOSOFIAS AFRICANAS*

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas**: uma introdução. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

Douglas Felipe Gonçalves de Almeida**

O livro *Filosofias africanas*: uma introdução é um curto ensaio generalista acerca dos pensamentos africanos. Os autores atribuem tais pensamentos àquilo que foi recebido pela tradição e que seria antes dos processos de colonização, tornando-os saberes enquanto certa filosofia da vida numa tentativa de estabelecer tanto um compêndio de pensamento negro como também de contrariar a hegemônica Filosofia europeia. O início do texto deixa aparente o não objetivo de demarcar uma Filosofia (no rigor do que é a Filosofia como um campo da ciência) africana, mas dar espaço aos saberes africanos tradicionais.

Ao longo do livro, Lopes e Simas tramam um pequeno ensaio que transita em dois polos. O primeiro é acerca de questões mais globais (tempo, ser humano, palavra e outras) da vida, tratadas de modo mais genérico sem se restringir especificamente ao pensamento africano de uma comunidade, povo, tribo; o segundo trata, mais especificamente, de algumas noções de certos povos do continente africano (Akan, Kongo, Dogon, Bambara, Diola, Fang, Mandinka e Igbo).

No capítulo “Generalidade”, abertura da obra, os autores tratam do continente africano como uma grandeza geográfica, espaço com florestas, rios e lagos que singularizam as comunidades que ali vivem, sendo isso quando visto em unidade – África – na crença comum entre os povos de uma Força Vital, que será falada em breve, algo que torna as formas de vida (não somente humana) uma diversificada teia de relações e dissensos num conjunto maior que seria a existência. O capítulo é uma demonstração do que se seguirá em toda a obra, uma perspectiva não ontológica, cujo contexto individual e meio natural estão numa perfeita simetria.

Ao tratarem do tempo, considerando uma africanidade fora da especificidade de cada povo, é possível compreender que a relação do pensamento africano com o tempo é algo diferente da cultura eurocêntrica, está fora da noção de liberalidade ou de ponteiro de relógio,

* Resenha recebida em 15/11/2023 e aprovada para publicação em 22/12/2023.

** Pós-graduando em Direito Internacional e Humanos pela PUC Minas. Graduado em História e Filosofia pela PUC Minas. E-mail:

sendo o tempo no pensamento africano algo maior que o ser humano. O tempo seria presente, passado e futuro simultaneamente, compreensão que engloba essas três temporalidades como matrizes indissociáveis, numa realidade (mesmo que futura) considerada concreta.

Lopes e Simas escreveram que fica, no pensamento africano, ao humano a responsabilidade de guardar a harmonia (relação equilibrada entre indivíduos e todos os elementos cósmicos) que sintetiza a relação com o universo. Os autores chamam atenção que a força harmônica é diferente da força pretenciosa que nos últimos três séculos são os objetivos de domínio da vida pela técnica.

Como aspecto central da obra, “Força Vital” – capítulo 3 do livro – é o fenômeno da linhagem, do passado, do ancestral que seria responsável pela vida conforme escreveram Lopes e Simas sobre o pensamento africano. Sobre a Força Vital, ressaltam que esta é algo presente em todo e qualquer elemento cósmico, seres dos universos, nos humanos, animais e as próprias realidades naturais, sendo inclusive o valor da existência de cada um. A Força Vital está numa natureza de inter-relações, força cujo cuidado individual é para não diminuí-la. Essa Força Vital permanece em perpétuo embate, entre maior e menor força, em que a maior, se não cuidada, pode ser diminuída por outra Força Vital externa existente.

O capítulo 4 tratou sobre o ser humano. Ao longo de toda a obra, o indivíduo humano foi tido em uma centralidade cuja vida seria um acontecer em relação ao seu meio, comunidade, povo, ambiente natural. Como em todo o livro, Lopes e Simas não incorrem em destrinchar os aspectos que apresentam, apenas escrevem superficialmente a partir de uma noção da África mais geral. Assim, os autores trouxeram no capítulo 4 a importância dos nascimentos, as especificidades para atribuição de nome aos bebês, a energia que emana da vida e também da morte, além de integralizar nascimento, nome e energia num contexto comunitário, de povo, de sociedade.

O capítulo seguinte do livro expôs sobre a palavra, sobre o verbo. Assinalaram que o pensamento africano demarca a palavra falada num caráter sagrado, que o oralizado compreensível é mais do que simples sons emitidos pelo aparelho fonador humano, e que os aspectos fundamentais da vida (história, diversão entre outros) são proferidos e tornam vivificados na oralidade.

A palavra tem um caráter atuante; mais do que a limitação de um texto escrito, a palavra está na íntima relação com a prática, a experiência, o comportamento, sendo um dos pontos que definem a totalidade do ser humano. Palavra seria como a ação do fogo. A Linguagem, escreveram os autores, seria expressão, comunicação e, sobretudo, ação; e o

verbo, aquele que cria o que nomeia. Lopes e Simas também demarcaram que a mentira, o falseamento oralizado é, no pensamento africano, um desperdício, um jeito de matar o eu.

Quando os autores dão linhas sobre o saber para o pensamento africano, para a Filosofia Africana como dizem, eles deixam a conhecer que, diferentemente da lógica ocidental, o saber seria o saber da vida além dos formalismos, dos livros. O que está além do texto é importante, e é saber. Ainda mais o saber transmitido. A transmissão do saber na lógica africana encontra o ápice de relevância da atividade comunitária de ensinar e revelar a tradição, de modo a não ser algo estático, pelo contrário, a ensinança, transmissão de uma tradição não esgota a Força Vital que permite novas perspectivas, conhecimentos, saberes, ainda mais quando isso se dá pelo sair de casa, que os autores falam serem as viagens, as trocas e intercâmbios geográficos e culturais.

Seguindo, os autores deram espaço para escrever um pouco sobre a inteligência, que não poderia estar como que num véu do letramento, longe da experiência e da prática, sem se dar à utilidade real ou ao benefício de melhorar a coletividade, chegando a pontuar que o inteligente seria aquele que age com intenção e desejo partindo do coração, revelando a noção de bondade coletiva e responsabilidade do agir que a filosofia africana concebe da atitude do ser que está possibilitado de inteligência, que seria um instrumento para a ação útil. Nesse trecho, os autores deixam patente o que em toda a obra se há de perceber, que é o caráter nós/eles, uma certa atitude comparativa, ou seja, africanos versus europeus.

No capítulo 7, “Filosofia e religião”, a abstração e citações variadas dão mais a notar o objetivo do livro, que é demonstrar o pensamento africano como uma certa filosofia, numa atitude decolonial, que é mais dada ao geral e introdutória, para legitimar a totalidade das experiências africanas como relevante, singular, positiva que alguns filósofos, segundo Lopes e Simas desconsideraram, agiram em atitude racista, em perspectiva colonial – Hegel acerca dos negros e Kant sobre os elementos simbólicos. Lopes e Simas buscaram enfrentar tais posições dos filósofos por meio do antropólogo francês Marcel Griaule.

Em geral, as páginas finais estão a especificar o polo secundário da obra, os povos e suas características – mas de modo muitíssimo elementar e objetivo, simplista, sendo imprescindíveis obras outras para ensinar, ou melhor, evidenciar sobre um determinado povo, caso seja o desejo de algum leitor. Há, visível, em cada povo descrito, a matriz comum que foi apresentada ao longo da obra, que os autores especificaram como existente nos povos africanos, que seria a Força Vital. Em síntese, trata-se de uma inserção que pouco acrescenta, já que a objetividade não trouxe nada de inovador, ficando como que um apoio aos aspectos

apresentados no polo primário da obra, que é acerca de questões mais globais do pensamento africano.

A conclusão da obra traz uma alegoria por meio da árvore Gao – Acácia, no Brasil – para sintetizar, em forma de mensagem todo o livro, que seria ir contra a ordem, contra o esperado natural que, segundo Lopes e Simas, assim como a Gao está florida quando as outras árvores não estão, e vice-versa, representado um espírito forte, livre e chamador de atenção para a comunidade, seria o pensamento africano em vistas da filosofia ocidental branca.

O livro é simples, com referências bibliográficas de variadas áreas, considerando uma África em meio a tantas variações dentro do Continente, fazendo com que *Filosofia africanas* não seja um tratado da filosofia feita no continente africano, nem mesmo um tratado africano de filosofia. É mesmo uma introdução, brevíssima introdução que mais fornece ao leitor uma visão bem geral – quase que evocativa – e um tanto do mental africano tornado conhecido do que essencialmente da natureza filosófica existente nos sabres africanos ou fruto de uma pesquisa científica com os recortes e investigações mais aprofundados.

O título tapeia o leitor que considera Filosofia no rigor de uma área do saber científico, todavia fica como uma leitura reflexiva e evocativa a um aprofundamento daquilo que é apontado por Nei Lopes e Luiz Antonio Simas, que é o pensamento africano antes da colonização.